Galba e Otão: duas perspectivas biográficas

Autor(es): Brandão, José Luís Lopes

Publicado por: Centro de História da Universidade de Lisboa

URL persistente: [URI:http://hdl.handle.net/10316.2/23764](http://hdl.handle.net/10316.2/23764)

DOI: [DOI:http://dx.doi.org/10.14195/0871-9527_20_29](http://dx.doi.org/10.14195/0871-9527_20_29)

Accessed : 26-Apr-2023 10:50:27

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

20

Ἰσοκρίτης ὁ Πρωταγόρας
Ἰσοκρίτης ὁ Πρωταγόρας
MHNIN AEIDE ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

GALBA E OTÃO: DUAS PERSPECTIVAS BIOGRÁFICAS

JOSÉ LUÍS LOPES BRANDÃO

Universidade de Coimbra

jlbrandao@fl.uc.pt

Resumo

As *Vidas* de Galba e de Otão da autoria de Plutarco e de Suetónio fornecem-nos diferentes perspectivas sobre a crise que se seguiu à morte de Nero, em 68 d. C., e a ascensão e queda daqueles dois imperadores efémeros. O artigo trata as principais diferenças biográficas entre os dois modelos, bem como a relação destes com a historiografia do mesmo período, no que respeita a técnicas, ponto de vista, análise ética e objectivos morais.

Palavras-chave: Plutarco; Suetónio; Galba; Otão; Biografia; Historiografia.

Abstract

The *Lives* of Galba and Otho by Plutarch and by Suetonius give us a different perspective about the crisis that followed the death of Nero, in A. D. 68, and the rise and fall of those two ephemeral emperors. This article stresses the main differences between the two biographical models and the relationship with the historiography of the same period, in that concerns techniques, points of view, ethical analyze and moral purposes.

Keywords: Plutarch; Suetonius; Galba; Otho; Biography; Historiography.

As *Vidas* de Galba e de Otão de Plutarco e Suetónio representam dois modelos biográficos diferentes de que dispomos para o conhecimento do atribulado período que se seguiu à morte de Nero⁽¹⁾. No caso do biógrafo de Queroneia, aquelas duas *Vidas* são sobreviventes de uma colectânea mais vasta – As *Vidas dos Césares* – que começava em Augusto e terminava, segundo parece, em Vitélio, o sucessor de Otão. Podemos assim estabelecer o confronto entre Suetónio e Plutarco, tendo também como referência as informações das outras fontes, sobretudo Tácito e Dión Cássio.

A verdade é que, naquela altura, a biografia aplicada aos imperadores dava os primeiros passos⁽²⁾. O género biográfico parece ser o mais indicado para historiar o governo da Roma imperial, em que os acontecimentos não eram já essencialmente determinados pela rotação anual dos magistrados, mas pela figura do *princeps*, com os seus vícios e virtudes⁽³⁾. Assim, o próprio Tácito torna manifestas as dificuldades por que passava a historiografia tradicional, numa época em que o método antigo dos *Annales* começa a revelar-se desadaptado ao tratamento do governo dos imperadores. Ao encetar as *Historiae*, Tácito lamenta (*Hist.* 1.1), em jeito de *captatio*, que, depois da batalha de Áccio, por ignorância ou por alheamento dos cidadãos em relação às decisões políticas, por adulação ou por ódio aos chefes, a verdade seja atraída; e os relatos para a posteridade fiquem marcados pela hostilidade ou pelo servilismo⁽⁴⁾. E, ao compor os *Annales* (4.32-33), reconhece que, num império pacificado e não expansionista, e sob um regime que se aproxima da monarquia, a falta de matéria nobre da antiga historiografia (guerras infundáveis, expugnações de cidades, destituição de reis, lutas sociais) obriga os historiadores a lançarem mão de assuntos que, tradicionalmente, eram objecto da biografia⁽⁵⁾, esbatendo-se, assim, os limites entre dois géneros, teoricamente considerados distintos no conteúdo e no estilo, mas que, na prática, não apresentavam fronteiras bem definidas⁽⁶⁾. No início da *Vida de Alexandre*, Plutarco procura, como é sabido, estabelecer os limites entre a historiografia e a biografia: a primeira relata as grandes empresas; a biografia prende-se com factos menores, como uma simples palavra ou gesto, historicamente pouco significativos, mas mais importantes para iluminar o carácter do que grandes batalhas, preparativos militares, assédios de cidades. Plutarco está, pois, interessado nas acções dos biografados enquanto manifestações de virtudes e de vícios⁽⁷⁾.

Suetónio irá, no tempo dos Antoninos, acomodar a biografia aos imperadores anteriores a estes (e de modo favorável à dinastia, cf.

Dom. 23.2). Será de crer que o Queronense tenha feito algo de semelhante a terminar no período que antecede o novo ciclo aberto pelos Flávios, isto é, na *Vida* de Vitélio. Com efeito, as *Vidas dos Césares* de Plutarco poderão ter sido redigidas no tempo dos Flávios: no principado de Domiciano⁽⁸⁾, ou mesmo no de Vespasiano⁽⁹⁾, a partir de fontes contemporâneas – é comum falar-se de uma fonte perdida comum a Plutarco, Tácito, Suetónio e Díon Cássio⁽¹⁰⁾. Parece provável que esta obra de Plutarco fosse dedicada a Méstrio Floro, filelenista influente na corte e responsável pela concessão da cidadania romana ao biógrafo de Queroneia⁽¹¹⁾, como também Suetónio haverá de dedicar as suas *Vidas dos Césares* a Septício Claro, prefeito do pretório de Adriano.

A natureza das acções que rodearam o aparecimento de quatro imperadores em escasso ano e meio gerava perplexidade a quem se dispunha a relatar os factos. Na *Vida de Galba* (2.5), Plutarco, fazendo eco de Políbio (1.2.8), sugere que os factos que vai narrar possam pertencer ao âmbito da «história pragmática» (*pragmatike historia*), ou história política, mas não pode ser omitido numa biografia «quanto digno de memória ocorreu nos feitos (*erga*) e sofrimentos (*pathe*) dos Césares»⁽¹²⁾.

As *Vidas dos Césares* de Plutarco parecem, pois, estar mais próximas da história, como era entendida pelos antigos, do que as *Vidas paralelas*⁽¹³⁾. E, no que toca ao conteúdo das *Vidas* de Galba e Otão, o autor de Queroneia está mais próximo do historiador Tácito do que do biógrafo Suetónio⁽¹⁴⁾. Evidenciam-se, pois, notórias diferenças de perspectiva e de método, na selecção e no uso de material, entre Plutarco e o biógrafo latino. Desde logo, as *Vidas* de Galba e Otão em Plutarco apresentam-se continuadas (o que faz supor que as restantes *Vidas dos Césares* perdidas também o seriam), um procedimento diferente do adoptado por Suetónio. A *Vida de Otão* de Plutarco começa no exacto momento em que terminara a anterior, com a ascensão do biografado ao poder supremo, e funciona como uma espécie de epílogo da *Vida de Galba*⁽¹⁵⁾, ao passo que Suetónio redige *ab initio* cada *Vida*, a começar pela rubrica dos antepassados, além de repetir os acontecimentos comuns ou repartir a informação sobre determinado acontecimento, segundo é pertinente para a biografia de um César ou de outro⁽¹⁶⁾.

A diferença de perspectiva torna-se patente logo no início da *Vida de Galba* de cada um dos autores. No primeiro capítulo, o Queronense atribui as culpas da crise de 68-69 d. C. aos impulsos irracionais

dos soldados e à sua avidez desenfreada (*Gal.* 1.4). Os soldados apercebem-se da sua força e do seu papel na condução da política imperial⁽¹⁷⁾. Trata-se de uma época de guerra civil e de alguma anarquia⁽¹⁸⁾. Parece, de algum modo, uma antecipação da anarquia militar que se gerou no séc. III, depois da queda dos Severos, em que os usurpadores se multiplicavam pelo império. Entre as legiões e seus comandantes, foi revelado um segredo do império, como salienta Tácito: «o *princeps* podia ser aclamado em outro lado que não em Roma» (*Hist.* 1.4.2) – abriu-se assim um precedente que tornava o império frágil, pois facultava o caminho a usurpadores⁽¹⁹⁾. Plutarco recorre, pois, aos exemplos de Ifícrates e de Emílio Paulo (*Gal.* 1.1-2), para salientar a necessidade de que o exército siga os seus comandantes, o que pressupõe naturalmente que estes devem possuir experiência militar e capacidade de liderança. Caso contrário, fracassarão, como acontecerá com Hordeónio, o general enviado por Galba, para substituir Virgínio Rufo no comando do exército da Germânia Superior⁽²⁰⁾. Plutarco transita deste assunto para o seu mestre Platão (*R.* 376c), para pôr a tônica na natureza nobre e na educação filosófica, como garantes da combinação da virtude da obediência com a coragem (*Gal.* 1.3). O biógrafo de Queroneia apresenta a conduta dos soldados, no período de 68-69 d. C., como o reverso da educação dos «guardiães» do Estado ideal, proposta pelo seu mestre Platão. Evoca o exemplo do exército macedónio, comparado ao Ciclope cego, pelas movimentações desordenadas que fazia depois da morte de Alexandre (*Gal.* 1.5). Além disso, as lutas que ocorreram no Império são também comparadas ao combate dos Titãs. E os imperadores deste período são associados a tiranos cénicos que se sucedem no palco como actores (*Gal.* 1.6- 8), porque os objectivos nobres da revolta contra Nero foram pervertidos: e o primeiro a cair foi justamente Ninfídio Sabino, o prefeito do pretório que, por ambição de poder, corrompeu os soldados com um pagamento impossível de reunir (*Gal.* 1.9)⁽²¹⁾. Sendo grego de formação, Plutarco serve-se, assim, como termo de comparação para os acontecimentos, não de episódios das lutas civis do final da República (como faz Tácito⁽²²⁾), mas da realidade greco-helenística⁽²³⁾. A parte perdida das *Vidas dos Césares* poderia esclarecer-nos mais sobre os objectivos do autor.

Para o religioso Suetónio a tônica é colocada no fim de um ciclo, bem delimitado pelo destino, como o será, depois, o tempo da dinastia dos Flávios, determinado logo no início da *Vida de Vespasiano* (*Ves.* 1.1). Este autor começa precisamente a *Vida de Galba* com a

queda da casa dos Césares (da *progenies Caesarum* “ e não apenas de Nero), prevista desde o princípio e anunciada com *signa evidētissima*. Recuando ao momento da fusão dos Júlios com os Cláudios, pelo casamento de Augusto e Lúvia⁽²⁴⁾, Suetónio conta a história da galinha branca que uma águia (ave associada ao poder supremo⁽²⁵⁾) deixou cair no regaço de Lúvia. A galinha, matriarca de vasta prole de galináceos, trazia um ramo de louro no bico, que, depois de plantado, ficou ligado à família júlio-cláudia. Os ramos, retirados para as cerimónias dos triunfos, eram plantados de novo no lugar⁽²⁶⁾. De cada vez que morria um imperador secavam as pernas que tinha plantado. Verificou-se que, no último ano de Nero, secou toda a moita e morreram todas as galinhas, diz Suetónio, exagerando, para demonstrar o seu ponto de vista⁽²⁷⁾. Além disso, acrescenta que o templo dos Césares foi atingido por um raio (*tacta de caelo*) e o ceptro foi arrebatado das mãos de Augusto. Acabado o tempo que os deuses destinaram a esta dinastia, havia que começar de novo. Assim, Suetónio vai multiplicar os presságios sobre Galba⁽²⁸⁾; nestes se incluem palavras do próprio fundador do principado⁽²⁹⁾ e de Tibério, que lhe vaticina o império numa idade avançada, pelo que o sucessor de Augusto não o considera uma ameaça ao seu poder⁽³⁰⁾. Um papel importante será atribuído à Fortuna, cujo favor garante a ascensão de Galba⁽³¹⁾ e o desfavor provoca a queda (*Gal.* 18.2), situações anunciadas através de experiências oníricas.

Suetónio centra cada uma das *Vidas* na pessoa do biografado, pelo que tende a omitir ou desvalorizar a acção de terceiros, como o relevante papel que Plutarco atribui a Ninfídio Sabino⁽³²⁾ e a actividade dos generais de Vitélio e de Otão. Para Suetónio a aclamação de Galba é desencadeada por uma poderosa *mise-en-scène* de propaganda contra Nero e de um discurso em que deplora a situação dos tempos; ao passo que, em Plutarco, são os soldados e o povo que, em resposta à convocatória de Galba, o proclamam imperador antes que ele se apresente sobre a tribuna⁽³³⁾. Através da narrativa centrada na personagem de Galba (*Gal.* 10-11), Suetónio deixa de fora Virgínio Rufo, comandante da Germânia; a batalha de Vesonção, entre os exércitos de Virgínio e o revoltoso Vindex, seguida do suicídio do último (Plutarco, *Gal.* 6); o anúncio da morte de Nero, pela boca de Ícelo, que fizera a viagem de Roma a Clúnia, na Hispânia, em apenas sete dias, e a chegada, dois dias mais tarde, dos mensageiros oficiais, comandados por Tito Vínio (Plutarco, *Gal.* 7)⁽³⁴⁾. Mas, por outro lado, atribui aos biografados acções de outrem, quando tal contribui para

esclarecer determinado traço de carácter; neste caso, a crueldade (*saevitia*), que vai retomar seguir (*Gal.* 12.1). Tanto Plutarco (*Gal.* 15.8) como Tácito (*Hist.* 1.37.3) acentuam o terror da entrada de Galba em Roma, precedida de uma série de mortes. Mas, ao centrar-se na pessoa do biografado, Suetónio acaba por atribuir ao imperador execuções que são da responsabilidade dos seus subordinados⁽³⁵⁾.

Outro procedimento de Suetónio consiste em cindir a informação, conforme diz respeito a um ou outro imperador. Fragmenta o relato da revolta dos exércitos que, na Germânia, levaram à aclamação de Vitélio. Plutarco (*Gal.* 22) apresenta-nos um relato contínuo que começa com a recusa em renovar o juramento a Galba, pelas calendas de Janeiro de 69, por parte do exército da Germânia Superior, continua com a subsequente comunicação do facto ao exército da Germânia Inferior e culmina com a aclamação de Vitélio, por iniciativa de Fábio Valente⁽³⁶⁾. Suetónio desmembra a narração deste facto entre a *Vida* de Galba (*Gal.* 16.2) e a de Vitélio (cf. *Vit.* 8.1), pelo que em cada parte silencia os factos que não dizem directamente respeito ao imperador em questão. Na *Vida de Galba*, conta apenas a insurreição do exército da Germânia Superior, que, defraudado das recompensas merecidas pela campanha contra Vínex e os Gauleses, é o primeiro a sublevar-se e a rejeitar um imperador eleito na Hispânia; e pede aos pretorianos que apontem um imperador capaz de reunir o consenso (*Gal.* 16.2)⁽³⁷⁾. Na *Vida de Vitélio* (*Vit.* 8.1), resume a aclamação, silenciando o contributo decisivo da armada de Germânia Superior; e só a seguir refere a adesão deste exército à revolta (*Vit.* 8.2), lembrando apenas de passagem que aquele exército já recusara a obediência a Galba. Suetónio salienta a passividade de Vitélio⁽³⁸⁾, por quem parece nutrir profunda antipatia (*Vit.* 8.1) e condensa os vários passos da revolta presentes em Tácito (*Hist.* 1.55-57) e Plutarco (*Gal.* 22).

E, para manter a focagem em Galba, na altura da narrativa da morte, Suetónio (*Gal.* 19) faz silêncio sobre a presença de Otão no sacrifício matinal, no dia do assassinato⁽³⁹⁾. Do mesmo modo, omite o relato da apressada aclamação de Otão no Foro, por iniciativa de uns poucos soldados, e a entrada do futuro imperador no campo pretoriano, pormenores que as outras fontes intercalam neste ponto. Como é seu hábito, Suetónio prefere relatar esses acontecimentos na *Vida* do próprio (*Otho* 6.2-3). Omite também o envio de Pisão com o objectivo de testar os sentimentos da coorte pretoriana de guarda ao palácio (Plutarco, *Gal.* 25.8)⁽⁴⁰⁾.

O Queronense aproxima-se da historiografia antiga também pela descrição de operações militares, como é o caso das vicissitudes que conduziram à batalha de Betríaco, entre os partidários de Otão e de Vitélio, e as circunstâncias irregulares em que esta foi travada (*Oth.* 5-14), indicando inclusive que visitou os lugares da batalha na companhia de Méstrio Floro. Suetónio, apesar de ter também uma fonte próxima, o próprio pai, mostra-se pouco interessado em procedimentos militares: omite os primeiros recontros e reduz a descrição da batalha de Betríaco a duas referências vagas e separadas (*Otho* 9.2 e *Vit.* 10.1), detendo-se antes nas reacções de Otão e de Vitélio. O discurso de Suetónio polarizado em torno do príncipe leva geralmente à subordinação de episódios bélicos importantes à descrição da personagem.

Quanto aos discursos ficcionais, característicos da historiografia, Plutarco segue o mesmo procedimento, como se vê por diversos passos. Um exemplo será o discurso de Otão no momento em que, depois da batalha de Betríaco, decide pôr fim à vida, para que a guerra civil se não prolongue: Plutarco (*Oth.* 15. 4-8), Tácito (*Hist.* 2.47) e Díon Cássio (64.13) transmitem as mesmas ideias (recolhidas da fonte comum), mas elaboradas com exemplos particulares. Suetónio, que não compõe discursos, mas recolhe ditos célebres, relata apenas que Otão «proclamou que “não mais exporia ao perigo homens daquela envergadura e que tão bem o serviram”» (*Otho* 10.1).

Também no que se refere à apreciação do carácter dos dois imperadores os biógrafos diferem. Suetónio costuma dispor os factos de acordo com objectivos caracterológicos, em detrimento da narrativa cronológica, procedimento que resulta numa narrativa consideravelmente diferente da de Tácito e de Plutarco⁽⁴¹⁾. Embora tal procedimento seja menos visível nas *Vidas* deste período, dada exiguidade do tempo de governação destes imperadores, não está todavia ausente. O biógrafo de Queroneia aproxima-se de Tácito na apreciação de Galba; Suetónio, embora reconheça a austeridade deste antes de chegar ao governo, favorece claramente Otão. Além da crueldade, o biógrafo latino salienta a avareza (*avaritia*) de Galba, sem a contextualizar. As duas fontes referem o facto de oferecer apenas cinco denários ao famoso flautista Cano, mas Plutarco insere a recompensa a Cano numa política de contenção contraposta à prodigalidade de Nero. Diz que as moedas oferecidas são de ouro e acrescenta a afirmação, feita por Galba, de que o donativo não era retirado dos cofres do estado⁽⁴²⁾.

Todas as fontes registam a afirmação de que «costuma recrutar e não comprar os soldados»⁽⁴³⁾, proferida ao recusar conceder o exorbitante donativo, prometido aos soldados pelo prefeito Ninfídio Sabino. Mas Suetónio (*Gal.* 16.1) julga totalmente negativa a atitude de Galba e cala a honestidade política destas palavras impopulares, consideradas, por Plutarco (*Gal.* 18.4), dignas de um grande imperador⁽⁴⁴⁾. Plutarco elogia ainda a forma como, pondo os interesses do Estado à frente dos próprios, escolhe Pisão como sucessor, em detrimento de Otão, que se mostrava licencioso e perdulário (*Gal.* 21.2-3). De resto, a modéstia de Pisão, perante o anúncio de que seria adoptado, contrasta com a reacção excessiva de Otão (*Gal.* 23.5-6) e mostra que o velho imperador procedera com sageza ao escolhê-lo, tendo como critério os antigos valores romanos⁽⁴⁵⁾. O elogio da adopção de Pisão por parte de Plutarco parece antecipar o principado adoptivo, que virá com os Antoninos⁽⁴⁶⁾.

A influência do pai de Suetónio, que foi tribuno no exército de Otão (*Otho* 10.1), terá certamente determinado a imagem favorável que o biógrafo transmite deste imperador, apesar de lhe censurar os desmandos da juventude⁽⁴⁷⁾. Suetónio tinha, assim, ao dispor uma versão, que não era a tradicional de um senador, mas de uma fonte próxima, de origem militar⁽⁴⁸⁾.

Otão ficou famoso pelo seu romance com Popeia, a futura esposa de Nero. O facto terá ditado um exílio para a Lusitânia, sob a aparência de um cargo administrativo, que, de resto, Otão terá desempenhado de forma exemplar. Os relatos são semelhantes, mas Suetónio (*Otho* 3.1-2), que habitualmente escolhe as versões mais romanescas, parece acentuar a iniciativa de Otão na sedução de Popeia e na corajosa recusa em ceder, depois, a mulher ao próprio imperador, que à porta dos apaixonados esposos misturava rogos e ameaças. Plutarco (*Gal.* 19.3-8) torna Otão mais passivo: tomando como referência o universo grego (como faz muitas vezes) compara-o a Páris («E tal como Alexandre, que Homero apelida frequentemente de “esposo de Helena de belos cabelos” – pois nada encontrando de glorioso nele, o exalta pelo nome da mulher –, também Otão se tinha tornado famoso em Roma por causa do casamento com Popeia»⁽⁴⁹⁾). Além disso, diz que é Nero quem encarrega Otão de seduzir Popeia e que é desta a iniciativa de fechar as portas ao imperador, quando Otão estava ausente⁽⁵⁰⁾.

Suetónio parece sugerir que Otão estava ainda em Roma na altura da morte de Agripina (em Março de 59 d.C.), mas, parece contradizer-se, ao afirmar que Otão governou a Lusitânia durante dez anos

(até 68). Pode estar apenas a usar números redondos. Mas há quem pense que, através de uma inversão na cronologia (técnica usual do biógrafo), Suetónio, ao pospor o trio amoroso e o subsequente «exílio» de Otão para depois da morte de Agripina⁽⁵¹⁾, queira fazer do romance, infeliz para Otão, um ponto de viragem na vida do ex-amigo de Nero, que se transforma num governador exemplar e espera dez anos pelo momento oportuno para se vingar⁽⁵²⁾.

A subida de Otão ao poder apresentava-se, à partida, muito sangrenta, apesar de, depois, o imperador se ter moderado. Suetónio, no relato da aclamação (*Oth.* 6.2), apenas refere a morte de Galba e de Pisão. Mas diversas mortes seguiram a de Galba⁽⁵³⁾. Plutarco (*Gal.* 28.2) assinala que o senado se apressou a ratificar a aclamação de Otão, quando ainda jaziam no Foro os cadáveres nas suas roupas consulares, o que põe implicitamente em evidência a impiedade do começo do novo principado. Uma certa hostilidade a Otão se percebe também na afirmação de que o senado ia prestar o juramento que o próprio Otão prestara e não guardara (*Gal.* 28.1). Muitos estavam, de facto, receosos do que Otão pudesse fazer de seguida (*Oth.* 1.5).

A revolta de Otão contra Galba não representaria mais que uma usurpação. Inicialmente só alguns soldados estavam a par, e podia ter fracassado: ninguém acreditou no sucesso. O próprio Otão, quando se deu conta do número exíguo dos que o aclamavam, julgou estar perdido. O golpe não se apresentaria muito diferente da anterior tentativa do prefeito Ninfídio Sabino, acção que correu mal. Para Plutarco, o principado de Otão parece ser o produto da volubilidade e da ambição dos pretorianos (*Gal.* 20.7; 21.4); como o de Vitélio é o resultado da indisciplina dos soldados da Germânia (*Gal.* 22). O biógrafo não esconde o desprezo aristocrático pela soldadesca, como denota o prefácio à *Vida de Galba*. Analisa longamente as rivalidades, geradoras de instabilidade, entre as unidades militares: entre os exércitos provinciais (*Galba* 22.8); e entre estes e os pretorianos (*Oth.* 6.1-4). Mas a hostilidade para com a guarda pretoriana retoma o preconceito da literatura grega contra os soldados mercenários⁽⁵⁴⁾. A aversão do autor torna-se manifesta quando designa os pretorianos por *misthophoroi*, sugerindo assim que eram comprados (*Oth.* 3.3), o que os tornava instrumentos para os usurpadores, que não olhavam as despesas, como o caso de Otão (*Gal.* 20.7). Em Roma, este corpo da guarda, pela hostilidade ao senado, torna-se um embaraço para o próprio imperador (*Oth.* 3.3); e, em campanha, apresenta-se amolecido pela vida da cidade e pela falta de experiência de guerra (*Oth.* 5.8; 9.1)⁽⁵⁵⁾: apesar da devoção dos

soldados ao imperador, grassa a arrogância, a indisciplina, a desobediência a oficiais superiores (*Otho* 6.1-4). Uma das causas sugeridas por Plutarco para a derrota de Otão é a saudade da vida fácil, que gera nos soldados ansiedade de travar combate e os torna incontrolláveis (*Otho* 9.1)⁽⁵⁶⁾. A moleza (*malakia*) dos pretorianos (*Oth.* 5.8) parece representar uma caracterização metonímica da moleza do próprio Otão (*Oth.* 9.2). Segundo Plutarco foi a unidade que pior se portou na batalha de Betríaco (*Oth.* 12.9)⁽⁵⁷⁾. Quanto ao facto de Otão não participar nas batalhas, referido de forma neutra por Suetónio (*Otho* 9.1), é criticado pelas outras fontes, pelo efeito desmoralizador que a ausência do imperador provocava nas tropas e pela retirada de uma força considerável de infantaria e cavalaria⁽⁵⁸⁾.

A narrativa da morte é a *acme* das *Vidas*: o momento da revelação do *ethos*; e é, por isso, normalmente seguido de uma apreciação final. Em Plutarco, tal como em Tácito, nota-se maior reverência pela memória de Galba, enquanto Suetónio procura valorizar a de Otão. O relato da morte de Galba em Plutarco (*Gal.* 27.1) é semelhante ao de Suetónio (*Gal.* 20.1) e de Tácito (*Hist.* 1.41). Suetónio e Tácito (*Hist.* 1.41.2) apresentam duas versões da reacção de Galba ao ataque: uma primeira menos digna, em que terá tentado chamar os soldados à razão e apaziguá-los mediante a oferta de um donativo, que antes recusara; e uma segunda, mais corajosa, em que se oferece como uma espécie de vítima voluntária⁽⁵⁹⁾. O Queronense transmite só a segunda versão. As reacções não parecem mutuamente exclusivas: a segunda pode ser um acto de resignação, depois de ter percebido que estava condenado. Enquanto Plutarco (*Gal.* 26. 8-10) e Díon Cássio (64.6.4) louvam a ajuda desinteressada que lhe prestou um centurião, Semprónio Denso⁽⁶⁰⁾, o biógrafo latino prefere acentuar, até ao exagero, o abandono a que Galba foi votado, situação que se lhe afigura quase inacreditável.

O ultraje feito à cabeça, que depois de cortada foi levada na ponta de um pau, lembra a sorte de Penteu nas *Bacantes* de Eurípides (vv. 1139 ss) – associação que Plutarco (*Gal.* 27), sendo de formação grega, não deixa de fazer, mas que Suetónio omite. Por outro lado, se Plutarco (*Gal.* 27.3) refere a dificuldade em segurar a cabeça, devido à calvície, e o transporte do macabro troféu no manto, Suetónio (*Gal.* 20.2) acrescenta pormenores mais aviltantes, como a introdução do polegar na boca (como forma de o soldado a poder segurar quando a vai entregar a Otão) e a troça que os servos do acampamento faziam da velhice do imperador⁽⁶¹⁾. Com efeito, a idade

avançada de Galba era, segundo Plutarco (*Gal.* 13.6), motivo de troca para alguns, habituados que estavam à juventude de Nero⁽⁶²⁾.

Em consonância, na apreciação final, o biógrafo de Queroneia (*Gal.* 29.3-5) demonstra grande admiração por Galba, pela forma desinteressada como assume o poder. Reconhece que cometeu um erro de julgamento, que lhe foi fatal, ao pensar que podia comandar, seguindo os valores antigos, os homens de Tigelino e Ninfídio Sabino, degenerados pela sociedade neroniana⁽⁶³⁾. Suetónio, depois de descrever o aspecto físico e os hábitos, que falam por si, mostra-se parco em apreciações. Limita-se a informar da revogação, por parte de Vespasiano, de um decreto do senado que propunha a elevação de uma estátua a Galba (*Gal.* 23).

Quanto a Otão, se é verdade que a generalidade das fontes⁽⁶⁴⁾ reconhece que a nobre morte deste imperador, que se suicida para pôr fim à guerra civil, foi contrastante com a sua vida, Suetónio chega ao ponto de dizer que ele odiava as guerras civis já antes de subir ao império (e de que se não revoltaria contra Galba, se não confiasse que o golpe se podia resolver sem guerra). A notícia de que bebeu água e experimentou a ponta de dois punhais⁽⁶⁵⁾ parece aproximar esta morte da de Nero, o antigo amigo⁽⁶⁶⁾. Suetónio (*Otho* 11. 2) diz que se feriu por baixo do mamilo esquerdo e que expirou «ora tapando ora desvelando a ferida aos que acorreram ao seu primeiro gemido⁽⁶⁷⁾», exemplos do sentido do concreto e do gosto do biógrafo pelo horror e pelos pormenores mórbidos⁽⁶⁸⁾, mas que transmitem a determinação e serenidade do protagonista no momento da morte.

A imagem positiva que Otão obtém na morte é comum às fontes, mas há nuances. Enquanto Plutarco (*Oth.* 18.3) compara Otão com Nero, assinalando que não viveu mais honestamente, mas morreu mais nobremente, Tácito (*Hist.* 2.50.1) opõe a morte digna de Otão (*facinum egregium*) ao infame assassinio de Galba; e Díon Cássio (64.15.2) opõe a morte à impiedade e perversidade anterior, uma morte ótima a uma vida péssima; Suetónio estabelece um contraste de natureza diferente, ao opor hábitos de vida efeminados a uma morte viril (*Otho* 12.1-2), o que parece atenuar a visão negativa sobre a vida passada⁽⁶⁹⁾. A reacção dos soldados à sua morte é de histeria colectiva, ao ponto de se suicidarem junto à pira, situação que Suetónio exagera⁽⁷⁰⁾. Quanto à reacção do público em geral, salienta-se um duplo julgamento (vida vs morte) que, em Suetónio, tende para a unicidade. Plutarco (*Oth.* 18.2) faz saber que os que louvaram a morte não foram menos importantes nem menos numerosos do que os que censuraram

a vida e Tácito (*Hist.* 2.50.1) diz que ele mereceu posteriormente uma fama tão boa como má. Só Suetónio fala de quase unanimidade (*magna pars hominum*) no póstumo louvor de Otão⁽⁷¹⁾ e minimiza a infâmia da morte de Galba⁽⁷²⁾ com o suposto propósito de restaurar a *res publica ac libertas* para o povo romano⁽⁷³⁾.

Chega-nos, assim, através de Plutarco e de Suetónio, um ponto de vista político e ético grego e romano sobre uma época conturbada. As figuras de Plutarco tendem a ser vistas de modo benévolo; e Galba, tendo embora defeitos e cometendo erros, é apresentado como um grande homem. Suetónio, distanciando-se da tradição principal para favorecer Otão, acaba por obscurecer a grandeza moral de Galba. O biógrafo de Queroneia aproxima-se de Tácito e da moral senatorial, que preconiza a exaltação dos valores antigos e condenação da decadência do presente. Suetónio apresenta ao longo das rubricas (desde a dos antepassados até à avaliação final) uma caracterização do *ethos* dos imperadores com fins didácticos: é à intenção moralizante que se subordina a selecção e disposição do material histórico através das *species*⁽⁷⁴⁾. Temos, assim, métodos e pontos de vista divergentes, mas objectivos morais convergentes.

Notas

(1) As reflexões deste trabalho baseiam-se em BRANDÃO, 2010, 9-41. Os dados sobre Suetónio são essencialmente recolhidos de BRANDÃO, 2009, *passim*.

(2) Como salienta STADTER, 2005, 421.

(3) Com o Império, tornava-se impraticável respeitar o princípio historiográfico de Catão de fazer história dos acontecimentos sem nomear os protagonistas; cf. Cornélio Nepos, *Ca.* 3.4. Vide SYME, 1980, 104-128; BRADLEY, 1985, 265; GRIMAL, 1986, 729-130; GIUA, 1990, 535-559; BRANDÃO, 2009, 15-27.

(4) Corria-se sempre o risco de escrever a palavra errada, ou de ser interpretado de forma hostil pelo imperador em exercício. Vide BALDWIN, 1983, 80-81.

(5) Para Dión Cássio já não existe este dilema: organiza a sua obra segundo o esquema analítico, mas não hesita em usar elementos biográficos. Vide GIUA, 1990, 544-550.

(6) Vide HERSHBELL, 1997, 236.

(7) A preocupação com o carácter (*ethos*) prende-se também com o facto de Plutarco pretender oferecer paradigmas de comportamento, de modo a promover, como sugere o autor no início da *Vida de Péricles* (1-2), a imitação (*mimesis*), na acepção platónica do termo. Vide HERSHBELL, 1997, 225-243. Diz este autor (p. 238): "In brief, for Plutarch, good Platonist that he was, poetry and other forms of «imitation» such as historical and biographical writings, exercised strong psychological effects on their readers, and could be used for educational purposes, especially for moral improvement."

⁽⁸⁾ Esta é a datação proposta pela maioria: vide SCUDERI, 1993, 408; LITTLE e EHRHARDT, 1994, 3-4; SCHETTINO, 2005, 353. FLACELIÈRE e CHAMBRY, 1979, 143-144, aceitam como possível uma redacção mesmo posterior às *Historiae* de Tácito, cuja publicação começa em 106.

⁽⁹⁾ STADTER, 2005, 428-432, propõe como único *terminus post quem* seguro 75 d.C., ano do consulado de Mestrio Floro, designado como *aner hypatikos* em *Oth.* 14.2.

⁽¹⁰⁾ Vide GODOLPHIN, 1935, 324-328; FLACELIÈRE e CHAMBRY, 1979, 133-152. Plínio o Velho e Clúvio Rufo são fontes possíveis. Plutarco menciona Clúvio Rufo e Júlio Secundo, o *ab epistulis* de Otão. Outros autores têm sido referidos, mas o resultado é até à data inconclusivo. E grandes autores, como Plutarco, não seguiam forçosamente um único autor, mas sabiam seleccionar material de proveniência variada, imprimindo-lhe um estilo original, como nota SCUDERI, 1993, 408.

⁽¹¹⁾ Como mais tarde as *Vidas Paralelas* são dedicadas a Sócio Senecião. Vide STADTER, 2005, 428-432.

⁽¹²⁾ No caso destes imperadores, a *praxis*, objecto da história, tem influência sobre o *pathos*, de que trata a biografia e que a aproxima da "história trágica". Vide HERSHBELL, 1997, 239; TAGLIASACHI, 1960, 34 125-142.

⁽¹³⁾ Vide DE BLOIS, 2008, 7 e n. 10. De resto, segundo HERSHBELL, 1997, 235, as *Vidas* de Plutarco parecem estar mais próximas da história do que é por vezes reconhecido.

⁽¹⁴⁾ Vide FLACELIÈRE e CHAMBRY, 1979, 140 ss.

⁽¹⁵⁾ Como sugere SCHETTINO, 2005, 355.

⁽¹⁶⁾ A revolta do exército da Germânia, em Janeiro de 69, diz respeito à biografia de Galba e de Vitélio; o assassínio de Galba às *Vidas* de Galba e de Otão; a guerra entre Otão e Vitélio interessa, em simultâneo, às respectivas biografias. Vide VENINI, 1974, 998.

⁽¹⁷⁾ Situação que já se vinha manifestando, como salienta SCUDERI, 1995, 405-406: o exército da Germânia Inferior, à morte de Augusto, aclamara Germânico; depois do assassinio de Calígula, os pretorianos impuseram Cláudio, contra a vontade do senado; por altura da morte de Cláudio, Agripina tratou de que o filho fosse aclamado pelos pretorianos; as legiões da Germânia ofereceram o império a Virgínio Rufo, e só a recusa deste deixou o caminho livre para Galba.

⁽¹⁸⁾ É o temor da anarquia que, segundo Plutarco (*Gal.* 22.5), leva os oficiais da Germânia Superior a sugerirem a aclamação de Vitélio.

⁽¹⁹⁾ O problema em questão é a investidura imperial. Vide SCUDERI, 1995, 405; SCHETTINO, 2005, 354-355.

⁽²⁰⁾ Segundo DE BLOIS, 2008, 6 ss, Plutarco procura demonstrar que os perigos resultantes dos exércitos (salientados no início da *Vida de Galba*) são o efeito da deterioração da disciplina, causada pela actuação de maus líderes militares.

⁽²¹⁾ Vide STADTER, 2005, 419-435; DE BLOIS, 2008, 5-13.

⁽²²⁾ Cf. *Hist.* 1.50; 2.6, entre outros passos.

⁽²³⁾ Como assinala SCHETTINO, 2005, 358- 359. Para o historiador Tácito, os conflitos surgiam devido a tensões sociais, a sentimentos fracturantes na sociedade romana (*Hist.* 1.5.2).

⁽²⁴⁾ Vide MURISON, 1992, 26.

⁽²⁵⁾ Cf. SUETÓNIO, *Aug.* 94.7; 96.1; 97.1; *Tib.* 14.4; *Cl.* 7; *Gal.* 4.2; *Vit.* 9; *Ves.* 5.7.

(26) Plínio, *Nat.* 15.136-137, diz que são os harúspices que aconselham Livia a preservar a galinha e a sua descendência e a cuidar religiosamente do ramo. Para FLORY, 1988-1989, 343-356, trata-se de uma manobra da propaganda de Augusto para fazer face à hostilidade pública, na altura em que se encontrava em guerra com Sexto Pompeio (um conflito que gerava impopularidade pelo embargo no fornecimento de trigo), e uma forma de legitimar o casamento com Livia, cujo escândalo (Livia era casada e estava grávida de seis meses) era usado por António na sua propaganda. Vide BRANDÃO, 2009, 209-210.

(27) Tal afirmação é desautorizada por Plínio, *Nat.* 15.137: ... *traditusque mos est ramos quos tenerant serendi et durant siluae nominibus suis discretae*. Vide MURISON, 1992, 27. O biógrafo latino salienta através destes sinais sagrados o tremendo impacto psicológico que o fim da linhagem de Augusto teve sobre os Romanos, como nota FLORY, 1988-1989, 347.

(28) Na *Vida* de Galba os presságios são particularmente numerosos, quer no que toca à ascensão, quer à sua queda. Vide GASCOU, 1984, 447-450.

(29) O dito, transmitido em grego, «também tu, meu filho, hás-de provar do nosso poder», parece irónico, se considerarmos que Galba é o principal agente do fim da dinastia júlio-cláudia (*Gal.* 4.1). Lembra as palavras de César a Bruto, nos Idos de Março de 44 a.C. Tácito, *Ann.* 6.20.2, e Dión Cássio, 57.19.4, atribuem a frase a Tibério.

(30) *Sed et Tiberius, cum comperisset imperaturum eum uerum in senecta: 'uiuat sane', ait, 'quando id ad nos nihil pertinet* (*Gal.* 4.1). Cf. Dión Cássio, 57.19.4.]

(31) A deusa aparece a Galba em sonhos a reclamar hospitalidade diante da sua porta, na altura em que este assumia a toga viril. Ao despertar, encontra uma estátua da deusa à entrada e consagra-lhe uma divisão da casa na propriedade de veraneio de Túsculo (Suetónio, *Gal.* 4.3). Dión Cássio, 54.1.2, coloca este sonho no período da revolta contra Nero. Será uma efabulação da propaganda na altura em que tentava conquistar o poder ou uma história posterior, elaborada a partir da devoção de Galba pela deusa Fortuna. Durante o principado, a Fortuna é, com a Vitória, um preeminente atributo da casa imperial. Vide MURISON, 1992, 35.

(32) *Gal.* 2.1-2; 8-9; 14. Um papel muito mais determinante do que o que lhe dá Tácito, como mostra SCHETTINO, 2005, 355-357.

(33) No que respeita à aclamação de Galba, enquanto, em Plutarco (*Gal.* 5.1), há, segundo VENINI, 1974, 996-997, uma linha dupla (iniciativa de Galba, por um lado, e a dos soldados e do povo, por outro), em Suetónio (*Gal.* 10.1.), salienta-se a iniciativa de Galba.

(34) Vide VENINI, 1974, 1012-1013.

(35) Afirma (*Gal.* 11), pois, que Galba não retoma a toga antes de esmagar os revoltosos: o prefeito do pretório Ninfídio Sabino e os legados da Germânia, Fonteio Capitão, e de África, Clódio Macro. Mas, Plutarco (*Gal.* 14-15) mostra que Ninfídio foi morto pelos soldados no campo pretoriano, e Galba limitou-se a ordenar a execução dos cúmplices que não morreram com ele. Quanto a Fonteio Capitão, Tácito (*Hist.* 1.7.1) diz que foi morto por Cornélio Aquino e Fábio Valente, sem que estes tivessem recebido instruções para tal, e que corria o rumor de que o assassinarão por não conseguirem persuadi-lo a revoltar-se. Numa posição intermédia se parece colocar Plutarco (*Gal.* 15.3), quando afirma que Galba eliminou Macro, por meio de Trebónio, e Fonteio, na Germânia, através de Valente. Destes só Clódio Macro, que causava agitação por sua conta em África (Plutarco, *Gal.* 6.1-2), terá sido condenado por ordem directa de Galba (cf. Tácito, *Hist.* 1.7.1; 1.11.2; 4.49). Vide MURISON, 1992, 60-61; LITTLE e EHRHARDT, 1994, 64-65.

^[36] Tácito, na parte respeitante a Galba, limita-se a fornecer informações essenciais (*Hist.* 1.12.1; 14.1) e deixa a exposição detalhada dos factos para o contexto da guerra entre Otão e Vitélio (*Hist.* 1.55-57).

^[37] Segundo Tácito (*Hist.* 1.12.1), as legiões da Germânia Superior entregavam a eleição ao senado e ao povo romano, para atenuarem o carácter insurreccional do movimento. Vide VENINI, 1974, 999-100.

^[38] A aclamação de Vitélio transmitida por Suetónio é desordenada e farsesca: recorda-nos a de Cláudio pela passividade do imperador. Vide MARTIN, 1991, 229-230. Nota VENINI, 1974, 997-1000, que, enquanto em Plutarco, como em Tácito, há duas directrizes, uma do exército e outra de Vitélio (em Tácito, a aclamação é precedida da acção de Vitélio que envia mensagens revolucionárias às legiões; em Plutarco, Vitélio já ponderara a possibilidade de assumir o poder antes da iniciativa de Valente, que o vem saudar como imperador), em Suetónio, há apenas uma directriz que, ao contrário do caso de Galba, parte de baixo (do exército) para cima. Vide também VENINI, 1977, 118-119.

^[39] Na manhã do dia em que foi assassinado, 15 de Janeiro de 69 d.C., Galba fazia um sacrifício no Palatino, diante do templo de Apolo, construído por Augusto (Tácito, *Hist.* 1.27.1; Plutarco, *Gal.* 24.5; Díon Cássio, 64.5.2). Vide BRANDÃO, 2009, 282-287.

^[40] E Tácito (*Hist.* 1.29.2-30.3) desenvolve o discurso de Pisão aos soldados. Vide MURISON, 1992, 83.

^[41] Parece-nos estranho que, na *notice* destas *Vidas* de Plutarco, na edição de Les Belles Lettres, se interprete esta diferença de método simplesmente como um discurso «assez lâche, souvent vague e diffus» de Suetónio: vide FLACELIÈRE e CHAMBRY, 1979, 141.

^[42] Suetónio, *Gal.* 12.3; Plutarco, *Gal.* 16.1-2. Vide MURISON, 1992, 65. Tácito, *Hist.* 1.49.3, dá uma imagem positiva da avareza de Galba: ... *pecuniae alienae non adpetens, suae parcus, publicae avarus*.

^[43] Suetónio, *Gal.* 16.1; Plutarco, *Gal.* 18.4; Tácito, *Hist.* 1.5.2; Díon Cássio, 64.3.3.

^[44] Aquela afirmação merece algum louvor a Tácito (*Hist.* 1.5.2) e é elogiada também por Díon Cássio (64.3.3). Vide GASCOU, 1984, 752.

^[45] Tanto a atitude de Galba, ao escolher o bem comum, como a atitude de Pisão revelam princípios da ideologia estóica que informa a filosofia política romana e que acaba por transparecer em Plutarco, apesar do seu confesso platonismo, como assinala SCUDERI, 1995, 403-404.

^[46] Modelo de sucessão aclamado por Tácito, através do discurso que coloca na boca de Galba (*Hist.* 1.15-16). Vide DELLA CORTE, 1967, 115-125.

^[47] Tal simpatia acarreta uma certa falsificação da realidade em prejuízo de Vitélio, mas sobretudo de Galba, cuja imagem resulta, em Suetónio, muito mais negra do que em Tácito e Plutarco: Vide VENINI, 1977, 5.

^[48] Vide MURISON, 1992, 122-123. O uso de uma fonte oral é uma forma de defender a memória de Otão contra uma tradição demasiado severa, segundo GASCOU, 1984, 301-302.

^[49] PLUTARCO, *Gal.* 19.2.

^[50] Tácito (*Ann.* 13.45-46) diz que Otão louva ostensivamente os dotes da esposa ao imperador. Mas, em *Hist.* 1.13.3, já diz que foi Nero quem a confiou a Otão, enquanto resolvia a questão de Octávia; depois, suspeitando que ele fosse amante dela, afastou-o para a Lusitânia, como para o tornar legado. Díon Cássio, 61.11.2, sugere que desfrutaram dela ao mesmo tempo. Vide MARTIN, 1991, 141; VENINI, 1974, 993.

(51) Tácito, *Ann.* 14.1-2, relata a oposição de Agripina à ligação de Nero com Popeia, chegando ao ponto de, segundo Clúvio Rufo, se mostrar pronta a cometer incesto com o filho para segurar o seu poder (cf. Dión Cássio, 61.11).

(52) Vide MARTIN, 1991, 147-148; MURISON, 1992, 98-102.

(53) Dión Cássio (64.6.5^a) alude genericamente à decapitação de várias vítimas. Plutarco (*Gal.* 27.9-10) acrescenta que muitos, mesmo sem terem tomado parte na matança, vieram reclamar recompensas por escrito, pelo que foram, mais tarde, executados por Vitélio com base nos documentos.

(54) Como assinala DE BLOIS, 2008, 5 e n. 3.

(55) A oposição passado/presente, em termos de degeneração, é um factor determinante para Tácito: constata que os pretorianos já não suportam a austeridade de Galba e desprezavam a antiga disciplina, habituados que estavam aos vícios de Nero (*Hist.* 1.5.2)

(56) Suetónio alude apenas ao desejo incontrolável de combater (*Otho* 9.1).

(57) Ao passo que Tácito (*Hist.* 2.44) diz que «os pretorianos estavam a ferver, convencidos de que não tinham sido vencidos pelo valor, mas pela traição». Cf. Suetónio, *Otho* 9.2.

(58) Cf. Plutarco, *Oth.* 10.1; Tácito, *Hist.* 2.33.2-3.

(59) Uma versão será privilegiada pelos detractores e outra pelos admiradores, como admite Tácito.

(60) E Plutarco salienta que foi «o único entre tantos milhares que o sol viu mostrar-se digno do Império Romano». Afirmação semelhante faz Tácito (*Hist.*, 1.43.1), embora o apresente como defensor de Pisão, que foi assassinado na mesma altura.

(61) O horror dos pormenores relatados pelos biógrafos contrasta com a sobriedade de Tácito (*Hist.* 1.41.3 e 1.49.1), que tende a evitar detalhes sórdidos. Vide MURISON, 1992, xi.

(62) Galba tinha setenta e três anos, mas, sobretudo, estaria bastante incapacitado, devido à artrite ou gota, e tinha uma hérnia descomunal que a custo continha, como noticia o biógrafo latino (*Gal.* 21). Segundo Plutarco (*Gal.* 8.1), o prefeito do pretório, Ninfídio Sabino, tinha abusado dos seus poderes, na convicção de que Galba dificilmente teria forças para aguentar a viagem da Hispânia até Roma.

(63) Vide SCUDERI, 1995, 407.

(64) Cf. Plutarco, *Oth.* 15-18; Tácito, *Hist.* 2.46-50; Suetónio, *Otho* 9.3-12.2; Dión Cássio 64.11-15. Vide BRANDÃO, 2009, 306-308; 314-315.

(65) Plutarco, *Otho* 17.1; Tácito, *Hist.* 2.49.2; Suetónio, *Otho* 11.1. POULLE, 1997, 250, põe em evidência o simbolismo dos dois punhais, numa alusão à dualidade tradicional dos tiranidas.

(66) Cf. Suetónio, *Nero* 48.3; 49.2.

(67) Parece haver nestes pormenores alguma semelhança com a morte de Petrónio (Tácito, *Ann.* 16.19), com quem Otão poderá ter convivido e partilhava certos traços de carácter, se tomarmos em conta os dados da tradição.

(68) Como salienta GASCOU, 1984, 307-308.

(69) Como nota GASCOU, 1984, 311-312.

(70) Quanto ao número dos suicídios, Suetónio transforma em «muitos» os «alguns» referidos por Tácito (*Hist.* 2.49.4), Plutarco (*Oth.* 17.10) e Dión Cássio (64.15.12). Só Suetónio

e Dion (64.15.2b) referem que muitos soldados se mataram uns aos outros. Vide GASCOU, 1984, 313-314.

⁽⁷¹⁾ Vide GASCOU, 1984, 312; 776-777.

⁽⁷²⁾ Considerada *facinus flagitiosissimum* por Tácito (*Hist.* 2.50.1).

⁽⁷³⁾ Suetónio, *Otho* 12.2. Nenhum dos outros autores menciona tal facto.

⁽⁷⁴⁾ Vide BRANDÃO, 2009, 329 ss.

Bibliografia

- BALDWIN, B. 1983, *Suetonius*, Amsterdam, Hakkert.
- BRADLEY, K. R. 1985, "The rediscovery of Suetonius": *CPh* 80 254-265.
- BRANDÃO, J. L. 2009, *Máscaras dos Césares. Teatro e moralidade nas Vidas suetonianas*. Coimbra, CECH-Classica Digitalia.
- BRANDÃO, J. L. 2010, *Plutarco. Vidas de Galba e de Otão*. Introdução, tradução e notas, Coimbra, CECH-Classica Digitalia.
- DE BLOIS, L., "Soldiers and leaders in Plutarch's *Galba* and *Otho*": Shellenberg, H. M., Hirschmann, V. E. & Kriechhaus (eds.), *A Roman Miscellany. Essays in honor of Anthony R. Birley on his seventieth birthday*, Gdansk, 2008, 5-13.
- DELLA CORTE, F. 1967, *Svetonio eques Romanus*, Firenze, La Nuova Italia.
- FLACELIÈRE, R. e CHAMBRY, E. 1979, *Plutarque, Vies*, tome XV. Texte établi et traduit. Paris, Les Belles Lettres.
- FLORY, M. B. 1988-1989, "Octavian and the omen of the *gallina alba*": *CJ* 84 343-356.
- GASCOU, J. 1984, *Suétone historien*, Paris, de Boccard.
- GRIMAL, P. 1986, "Suétone historien dans la *Vie d'Auguste*": *Rome. La littérature et l'histoire* 2, Paris/Roma, École Française de Rome, II, 729-738.
- GIUA, M. A. 1990, "Aspetti della biografia latina del primo impero": *RSI* 12 535-559.
- GODOLPHIN, F. R. B., 1935, "The source of Plutarch's thesis in the Lives of Galba and Otho": *AJPh* 56 324-328.
- HARRIS, B. F. 1962-63, "Tacitus on the death of Otho": *CJ* 58 73-77.
- HERSHBELL, J. P. 1997, "Plutarch's concept of history: philosophy from examples": *AnSoc* 28 225-243.
- LITTLE, D. e EHRHARDT, Chr., *Plutarch, Lives of Galba & Otho*. Translation and commentary, London, Bristol Classical Press, 1994.
- MARTIN, R. 1991, *Les douze Césars: du mythe à la réalité*, Paris, Les Belles Lettres.
- MURISON, Ch. L. 1992, *Suetonius Galba, Otho, Vitellius*. Ed. with intr. and notes, London, Bristol Classical Press.
- PERRIN, B. 1926, *Plutarch's Lives*. XI. With English translation, London, Loeb.
- POULLE, B. 1997, "Les poignards de l'année 68-69": *RPh* 71 243-252.
- RAOSS, M. 1958, "La rivolta di Vindice ed il successo di Galba": *Epigraphica* 20 46-120.

- SCHETTINO, M. T. 2005, "I Soggetti politici e i conflitti civili del 68/69 d.C. in Plutarco": De Blois et alii (ed.), *The statesman in Plutarch's works. Proceedings of the sixth international conference of the International Plutarch Society. Vol. II: The statesman in Plutarch's Greek and Roman Lives*, Leiden/Boston, Brill, 351-361.
- SCUDERI, R. 1995, "Le Vite Plutarchee di Galba e di Otone: teoria e prassi politica nella successione imperiale": Gallo, I & Scardigli, B. (cura), *Atti del V convegno plutarqueo*, Napoli, M. D'Auria Editore, 399-413.
- STADTER, Ph. A. 2005, "Rivisiting Plutarch's *Lives of the Caesars*": Pérez Jiménez, A & Titchener, F.(eds.), *Valori letterari delle opera di Plutarco. Studi offerti al professore Italo Gallo dall' The International Plutarch Society*, Málaga-Logan, 419-435.
- SYME, R. 1980, "Biographers of the Caesars": *MH* 37 104-128.
- TAGLIASACHI, A. M. 1960, "Plutarco e la tragedia greca": *Dioniso* 34 125-142.
- VENINI, P. 1974, "Sulle Vite suetoniane di Galba, Otone e Vitellio": *RIL* 108 991-1014.
- VENINI, P. 1977, *C. Svetonio Tranquillo. Vite di Galba, Ottone, Vitellio*, con comm., Torino, Paravia.
- WELLESLEY, K. 2000, *The year of the four emperors*, with a new introduction by B. Levick, London/New York, Routledge (3.^a ed.).